

# A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA CRIANÇA NOS VÁRIOS PROCESSOS HISTÓRICOS SOCIAIS E SUA IDENTIDADE AMEAÇADA PELA CULTURA GLOBALIZADA

*Kátia Maria Roberto de Oliveira Kodama*

Doutoranda em Ciências da Comunicação, área de Concentração em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Pesquisadora do CELACC – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (ECA/USP). Professora Titular das Faculdades Integradas de Ourinhos.

## **Resumo**

Este trabalho propõe uma análise da representação imagética da criança e sua relação com conteúdo de ordem ideológica, para compreender seu uso na contemporaneidade como produto, mostrar ainda que, concomitantemente com processo de transformação social, a iconografia da criança recebeu tratamentos diferenciados. E que hoje, os meios massivos e a cultura digital ora em curso, que atendem diretamente aos anseios de uma sociedade globalizada e neoliberal, acabaram por unificar as representações infantis, forçando-as a padronizarem suas atitudes nos mais remotos confins do planeta, bem como, estão empurrando para o esquecimento a diversidade cultural local.

**Palavras-chave:** iconografia da criança, imagética da infância, cultura de massa, cultura digital, diversidade cultural.

## **Resumen**

Este trabajo propone un análisis de la representación de imágenes del niño y su relación con el contenido ideológico, para entender su uso en la sociedad contemporánea como un producto, muestran que, simultáneamente con el proceso de transformación social, la iconografía de los niños recibió un trato diferente. Y hoy, los medios de comunicación y cultura digital en curso que abordan directamente las aspiraciones de una sociedad neoliberal y globalizado, con el tiempo se unifican las representaciones de los niños, obligándolos a normalizar sus actitudes en los rincones más remotos del planeta y, están presionando en el olvido de la diversidad cultural local.

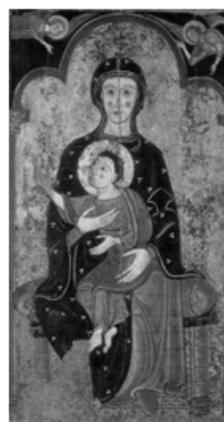
**Palabras clave:** la iconografía de las imágenes de niños de la infancia, la cultura de masas, la cultura digital, la diversidad cultural.

A representação imagética da criança e sua relação com conteúdo de ordem ideológica através de uma proposta analítica optando pela apreciação da imagem infantil abarcando os períodos da Idade Média, do Renascimento, do Barroco, do Academicismo e do Realismo, a fim de compreender o uso na contemporaneidade da imagética da criança como produto, descaracterizando-a, sem respeitar sua diversidade cultural. Com isso, evidencia-se um processo concomitante de transformação social, a saber - o de transição entre sociedade feudal, teocrática, rumo ao então emergente modo de divisão de classes moderno, burguês - a iconografia da criança recebeu tratamentos diferenciados, decorrentes do “espírito de época”, para fazer uso de uma expressão hegeliana.

A partir de um contato com inúmeras estampas, dá-se conta da inexistência da representação infantil na arte medieval. Os temas - todos alegóricos, retratando o universo religioso, soberano da sociedade medieval - contam com actantes adultos apenas, inclusive no que diz respeito ao anjo e ao Menino - especial atenção dada a este, cuja representação se faz por um curioso tratamento: um adulto em miniatura encontra-se no colo da Virgem, e não propriamente uma criança.



La Madonna in Maestà  
(Obra da Catedral, Sena)



Frontal de Santa Maria de Avia  
Museu de Arte da Catalunha, Barcelona

Referenciais historiográficos se fazem necessários para esclarecer o desconforto frente a tal constatação. De fato, durante o período da Idade Média não havia o sentimento em torno da infância do modo como concebemos hoje. Por “sentimento” referimo-nos ao conjunto de preocupações físicas, emocionais, sexuais e de conhecimento formal que hoje é dispensado à criança, um complexo de valores que se efetiva nos séculos XIX e XX. O processo de formação - lentíssimo, por sinal - desse universo infantil, distinto do dos adultos, data do início do século XV, como será visto mais a seguir.

Na Idade Média, tão logo a criança adquiria certa autonomia na linguagem, no desempenhar suas funções mais elementares, tais como: vestir-se, alimentar-se (por volta de seis a sete anos de idade), ela era imediatamente inserida no modo de vida dos adultos. Embora uma relação de ternura, bem como um convívio através de brincadeiras e jogos entre adultos e crianças sempre tivessem existido, elas passam a participar, indiferentemente, com jovens e

velhos, dos trabalhos cotidianos destes: colheitas, festas. A vida coletiva tomava todo o espaço de atuação das pessoas, na qual a criança tornava-se companheira natural dos adultos, a família lhes transmitia conhecimentos práticos, mas não iam muito longe na sensibilidade. A não distinção entre adultos e crianças na sociedade medieval - salvo nas primeiras fases da infância - possivelmente tenha levado ao modo de figuração, já referido, na arte de sua época.

Vale ressaltar: é um engano julgar que a criança não tivesse qualquer valor ou status; simplesmente o modo de se olhar para esse ser em formação era outro. A sociedade medieval não possuía um conceito diferenciado de criança. Tratava-se, de fato, de um adulto reduzido. Outro detalhe das estampas que ilustra nossa afirmação são as vestes indiferenciadas, tanto as dos santos como as dos anjos e do Menino. Pode-se também notar que a expressão das faces é, sem dúvida, de adultos.

No século XV, entretanto, mudanças significativas ocorreram. Resultantes de processos transformatórios germinantes já na Idade Média, direcionados para uma iminente cisão entre o poder papal e secular, entre o laico e o religioso, entre a Igreja e o Estado, entre a Ciência e o Dogma - dos quais a Reforma Luterana é consequência, as relações do homem com a Igreja começam a se afrouxar. Em decorrência, o homem inicia uma busca de si mesmo com bases na razão, no ofício e numa crescente ênfase na vida privada. O processo de moralização da sociedade, iniciado pelo clero na Idade Média, avança mais no Renascimento e encontra neste contexto condições propícias para o florescimento de uma nova concepção de família e, por extensão, de criança.

A família passa a desfrutar, também, de um lado privado, passível de verificação na disposição arquitetônica do interior das casas, dos jardins. O homem não está totalmente imerso em práticas coletivas. Esse homem do Renascimento, por sua vez, nesse novo posicionamento frente ao mundo, ansioso por conhecer a si e a natureza, passará a ver a escola como lugar no qual a criança deverá ser preparada para o mundo. A preocupação com a educação no sentido da Paidéia grega - a formação do indivíduo, considerando-se seus aspectos físicos, morais, religiosos e intelectuais - é novamente recuperada. Preparar um filho para a vida não se resume mais em passar apenas conhecimentos para a sua sobrevivência, ou um nome para herdar as porções de terra: significa, agora, transmitir-lhes os mais variados conhecimentos - das orações à retórica, dos exercícios físicos às Ciências Matemáticas - capacitando-o, assim, para o exercício de uma cidadania mais plena, adequada aos valores que então emergiam.

Desse modo, a escola deixa de ser unicamente voltada à formação de clérigos para tornar-se, gradativamente, uma instituição que prepara a criança para sua futura atuação no mundo adulto. Instruído segundo cânones humanistas, esse jovem, ao sair do colégio, está apto a contribuir com a edificação de uma sociedade moralizada, erradicando a anárquica sociedade medieval.

Em suma, não basta pôr a criança no mundo. Inicia-se um processo no qual os pais, - concomitantemente com a Ideologia da Igreja e do Estado - assumem responsabilidade pela formação completa de seus filhos.

Essa mudança de enfoque, a concentração da família em torno do período de formação da criança, pode perfeitamente ser sentida na pintura renascentista. Ela é trazida para o

interior da arte representativa de maneira sem precedentes na Idade Média. Embora constata-se, em alguns casos da iconografia infantil, alguma semelhança com a figuração de um corpo adulto, sem dúvida é uma criança que é identificada a partir do tratamento dado ao rosto, da sensação de volume depreendida dos membros, etc. É necessário ter em mente que tendências, as mais diversas, podem agir simultaneamente.



Cranach  
Virgem das Uvas  
Alte Pinakothek, Munique



Domenico Ghirlandaio  
Avô e Neto  
Museu de Louvre Paris

Observe-se os casos de Cranach e Domenico Ghirlandaio: do primeiro, um quadro de cunho religioso; do segundo, uma obra retratística, ambos datados entre 1480 e 1483. No tema da Virgem coexistem as duas formas de representação infantil anteriormente expostas. Os anjos assemelham-se a adultos (dado anacrônico, em relação a maior parte das obras da Renascença), enquanto que o Menino é, de fato, uma representação de criança. Por outro lado, Ghirlandaio propõe um trabalho, grosso modo, fotográfico, que capta a nova relação que se estabelecia entre adultos e crianças no século XV. Desnecessário qualquer esforço para perceber o afeto que avô e neto nutrem entre si: detalhe importantíssimo para observar, mais uma vez, a presença do conteúdo ideológico veiculado numa obra de arte; não cabendo aqui julgamentos de uma perspectiva teológica.

Do ponto de vista formal, o tratamento de linhas e formas na representação de ambos, avô e neto, tem características nítidas, que distinguem as fases da vida que representam.

O contraste entre essas duas obras, tão próximas cronologicamente, vem reforçar a concepção de que, tanto na arte como na sociedade, as transformações não se dão de modo estanque, tampouco instantaneamente. Vimos na arte, com Cranach e Ghirlandaio, o complexo jogo entre uma nova e a velha forma de representação da criança: Idade Média versus tendências do Renascimento. Do mesmo modo, na sociedade, a instauração de uma estrutura familiar nos moldes cristãos, propriamente, (leia-se também, do burguês embrionário), que delega à criança um âmbito de atuação diferente daquele pertinente ao adulto, percorre um longo trajeto até culminar nos séculos XIX e XX.

Esses dois trabalhos fornecem ainda outras pistas para uma incursão na história dos costumes. A criança de Ghirlandaio, por exemplo, traz um capuz à cabeça e sugere vestir uma túnica. Segundo alguns historiadores, é a partir do século XV que adultos e crianças diferem-se no trajar. Um detalhe: as roupas designadas às crianças obedecem, por sua vez, a estilos que vigoram para os adultos cerca de duzentos anos antes. Assim, as vestes do menino, típicas da Idade Média, correspondem a roupa oficial dessa criança recém-classificada no início do Renascimento.

No outro exemplo, na tela de Cranach, deparamo-nos com a nudez do Menino; motivo amplamente explorado neste período. No que se refere ao nu infantil, é insuficiente aceitar unicamente a explicação de um resgate da antiguidade clássica para compreendê-la efetivamente. Nem tanto mar, nem tanta terra. O mundo laico buscava mais espaço para sua expressão, não restam dúvidas, mas a aristocracia era - e muito - regida por valores estritamente cristãos, por mais contraditório que possa parecer. Diários e cartas, dentre outras fontes, mostram que, no interior do novo conceito de criança, construía-se a representação da inocência como inerente ao mundo infantil, refutada apenas, sob duras penas da sociedade, em fins do século XIX, por Sigmund Freud.

A partir do século XVI, tornam-se mais rígidas as fronteiras entre adultos e crianças. Proibidas de dividir a cama com os pais, criados, irmãos ou amigos, um rígido código de conduta é estabelecido na escola e na família para salvaguardar seu estado de inocência “natural”.

As formas arredondadas do corpo, o doce movimento sugerido pela cabeça, o olhar, a posição das mãos são detalhes que provam a distância entre a inocência do nu infantil no Renascimento e a virilidade do ideal estético grego.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o homem compreendido entre o Renascimento e o Barroco vive numa linha de tensão entre o sagrado e o profano, entre as Ciências e a Igreja, cisão esta levada a cabo com o positivismo. Bacon e Galileu (séc. XVI), Newton, Descartes, Pascal e Espinosa (séc. XVII) e Kant (séc. XVIII) são alguns dos personagens desse período que trabalham no sentido de se estabelecer as bases para uma prática científica a partir da experiência. Caberá à ciência aprimorar o homem e a relação deste com a natureza, através da tecnologia que ele será capaz de produzir. Agora, o sensorial, aliado à razão, passa a ser o modo pelo qual se conhece o mundo, não mais pelo dogma. No extremo oposto está a fé, nas versões Reforma, Contra-Reforma, Jansenismo... na luta pela manutenção de, pelo menos, algum espaço.

O resultado é que, com o depauperamento que as instituições religiosas sofrem a partir do final da Idade Média, abre-se a possibilidade de expressão da vida laica, cada vez maior, na arte pictórica. A arte retratística se instaura como prática comum a partir do século XV, como vimos em Ghirlandaio, às vezes omitindo qualquer caráter moralizante, a exemplo de Cranach (“Lot e suas filhas”), ao retratar homens da corte com suas cortesãs. Castelfranco (1476-1510) introduz temas de caráter marcadamente laico. Seus protagonistas são figuras desvinculadas da noção do sagrado. Destaque para “As três idades do homem”.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA CRIANÇA NOS VÁRIOS PROCESSOS HISTÓRICOS SOCIAIS E SUA IDENTIDADE AMEAÇADA PELA CULTURA GLOBALIZADA

---



Cranach:  
Lot e suas filhas  
(Staatsgalerie,Aschaffenburg)

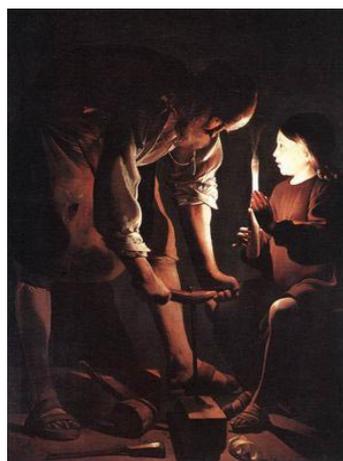


Gorgione  
As três idades do Homem  
Galeria Pitti,Florença

No caso do Barroco, mesmo que haja alguma alegoria ao religioso, o enfoque é outro; cenas da vida comum de seres empíricos são transplantadas para uma figuração do sagrado. “São José, Carpinteiro”, de La Tour (1593-1653) é um exemplo do que se afirma. Difícil de se distinguir a representação da realidade empírica da alegoria sagrada. Acoplada no uso da temática cotidiana, tanto no renascimento italiano como no tratamento realístico dado à pintura na França, Inglaterra, Espanha e Holanda, a exemplo de outros, a criança passa a ser fidedignamente retratada no Barroco. Velásquez, La Tour, Murillo, Nain tratam da infância compreendendo o complexo de vivências apontado anteriormente. Ela é registrada desde os seus atos mais banais, como em Murillo (“Menino catando pulgas”) até o retrato de Carlos III, em sua sala de estudo, quando menino, por Jean Ranc. Somente neste período elas viram tema, propriamente.



Agnolo Bronzino  
Eleonora de Toledo e seu filho Giovanni  
De`Medici  
Galeria dos Offizi,Florença



La Tour  
São José, Carpinteiro  
Louvre,Paris

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA CRIANÇA NOS VÁRIOS PROCESSOS  
HISTÓRICOS SOCIAIS E SUA IDENTIDADE AMEAÇADA PELA CULTURA  
GLOBALIZADA

---



Bartolomé Esteban Murillo  
Menino Catando Pulgas  
Museu do Louvre, Paris



Jean Ranc  
Carlos III, Menino  
Museu do Prado, Madrid

A criança comum, possuidora de um status mais definido na sociedade dos séculos XVII e XVIII, torna-se personagem de lugar assegurado na arte figurativista. Juntamente com o realismo das naturezas mortas, mais os temas inusitados da poesia do período: uma mosca que voa pela sala, o lacustre de um determinado salão... Tem-se sinais de que algo novo acontece: presencia-se a vitória do mundo laico sobre o religioso, embora jamais subsistam de um modo excludente.

Pode-se afirmar que no Barroco, definitivamente, encontram-se os registros de uma delimitação ideológica do universo infantil, separado do mundo dos adultos, sob influência de uma educação cristã, moralizante, simultânea ao processo de divisão de classes da sociedade capitalista que então se formava.

A partir do estabelecimento das camadas da sociedade capitalista, podemos observar nas representações da criança uma nítida divisão: a criança na representação da família burguesa - status de criança - com seus brinquedos e sua educação sofisticada e a criança filha da classe trabalhadora, vista como mão de obra barata, destituída de sua infância, retratada nos livros de Vitor Hugo, e nos quadros do Realismo como em Daumier, Millet e Courbet.



Adolfo Pinto  
Cena de família  
Pinacoteca do Estado de São Paulo



Louis de Nain  
Família de camponeses  
Louvre, Paris

No século XX, essa divisão e representação não é alterada até a Segunda Guerra

Mundial mas, com o surgimento da sociedade de “massa” promovido pelos meios massivos de comunicação do pós-guerra, que forjaram a sociedade de consumo que implementou o capitalismo e as políticas do neo-liberalismo da atualidade, o universo infantil foi utilizado e exposto como elemento desencadeador e catalisador de consumo.

Após a década de 50 a criança passa a ser vista como um detonador de consumo, indicando para si ou para o adulto, produtos que deseja, levando os meios publicitários a implementarem o uso da imagem infantil para vender uma série de produtos especificamente destinados a ela ou não, principalmente na área de alimentação.

A partir dos anos 70, os sucessivos movimentos sociais interferem na constituição da família nuclear - pai, mãe e filhos - desencadeando o surgimento de diferentes segmentos como: feminino, masculino, casais, solteiros, separados, gays, velhos, adultos, jovens, crianças e, principalmente, a etapa do desenvolvimento forjada no último século – a adolescência – forçando a diversificação do consumo. Surge então uma variedade de produtos, principalmente os lúdicos e os destinados a forjar a cara das diferentes tribos (grupos). Desta forma a imagem infantil passa a ter um forte apelo publicitário, mas é também no uso da infância, para ampliar cada vez mais o mercado, que meninas e meninos são apresentados como adultos e esse estereótipo do adulto passa a ser o ideal e referência da estética infantil: as bonecas Susy e Barbie são um bom exemplo da penetração do ideário feminino adulto transplantado para o universo infantil; da mesma forma acontece com os brinquedos e jogos dos meninos: ferraris, aviões, motos, bonecos que pedem acessórios para cada atividade como mergulhar, dirigir, pilotar e jogos de guerras; ou como banco mobiliário que transportam o menino para o mundo adulto do consumo.

Nesta perspectiva as brincadeiras e jogos vivenciados pelas crianças que eram passadas pelos adultos como forma de preservar valores ancestrais das comunidades ou preparar a infância para ser introduzida no universo adulto, foram se extinguindo e a psique infantil pouco a pouco sendo modificada para atender ao mercado. Brincar de casinha não é mais possível sem que a menina tenha uma série de apetrechos como: cozinha equipada, batedeira, máquina de lavar, e tudo que faz parte do sonho de consumo da mãe moderna que não pode perder tempo, e ainda tem que fazer as unhas, o cabelo, e comprar a roupa da moda. Da mesma forma acontece com os meninos: não é possível construir uma pipa com o pai, ela tem que ser comprada junto com o manual, assim como os carros e todos os demais brinquedos muito sofisticados e altamente tecnológicos.

O que os meios atuais de comunicação fizeram foi transformar a criança em potencial consumidor e para tanto, foi preciso transformá-la em adultos em miniatura, boneca Barbie e seu namorado Ken são exemplos de brinquedos que despertam o desejo de consumo e instigam a infância a imitar o adulto, destruindo uma etapa de desenvolvimento que era vital para o seu amadurecimento. Desta forma a imagem idealizada e criada nas artes plásticas nos séculos anteriores cedem espaço para as imagens tecnológicas, geradas pelos meios massivos de comunicação.



A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA CRIANÇA NOS VÁRIOS PROCESSOS HISTÓRICOS SOCIAIS E SUA IDENTIDADE AMEAÇADA PELA CULTURA GLOBALIZADA



Cavaleiros do Zodíaco



Hello Kitty

Os jogos *on-line* terminam por uniformizar e empurrar para o esquecimento a diversidade cultural local, principalmente quando a plástica adotada é a dos “mangás”, que servem de base para esses produtos que tem uma estética assexuada, sem caracterizar as diferenças de biótipo, as diferenças culturais e não expressam as diferentes etapas do desenvolvimento físico infantil, criando uma imagem produzida para ser aceita no mundo.



Desta forma a diversidade cultural das comunidades está seriamente ameaçada. Quando a infância é roubada, não sobra muito para estruturar o futuro. Da mesma maneira, nos tempos atuais a mentalidade medieval está se repetindo e a infância perdendo seu rosto; a criança da atualidade transforma-se em um adulto de tamanho reduzido sem expressão e identidade como no medieval.

*Referências bibliográficas*

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- AVANCINI, José Augusto. **Arte e Cultura da América Latina**. Ano II, nº 3, São Paulo: Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA, setembro, 1992.
- FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). **Cultura subalterna e neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina**. São Paulo: CELACC: ECA/USP, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A cultura subalterna frente ao neoliberalismo in: Globalização e identidade cultural na América Latina**. São Paulo: CEBELA, 1995.
- HAUSER, A. **História social da Literatura e da Arte**, São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Teorias da Arte**. Lisboa: Editora Presença, 2ª ed., 1998.
- JANSON, H.W. **História da arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2004.